

**O discurso da invisibilidade social em charges:
nos efeitos de sentido a relação autor/leitor crítico**

*The discourse of social invisibility in cartoons:
in the meaning effects in the actor/critical reader relationship*

Moisés Araújo da SILVA¹
Rosemary Evaristo BARBOSA²

Resumo

Este artigo trata da constituição de sentido no gênero charge. A partir do aporte teórico e metodológico da Escola Francesa de Análise de Discurso, buscou-se discutir sobre os processos de compreensão e interpretação das charges selecionadas para análise, tomando por base a materialidade discursiva, as condições de produção e a constituição dos efeitos de sentidos, na relação autor-texto-leitor. Por serem atravessadas por um discurso cultural satírico e crítico sobre a problemática da invisibilidade social, apresentam um percurso de leitura baseado em determinados recursos linguísticos e semióticos presentes na materialidade textual, favorecendo a reflexão e o questionamento da realidade, levando o sujeito-leitor a ampliar suas referências de mundo. Esse gênero pode ser usado em sala de aula na expectativa de formar leitores críticos.

Palavras-chaves: Charges. Invisibilidade Social. Discurso cultural. Leitores críticos.

Abstract

This article is about the meaning of constitution in the genre cartoon. Based on the theoretical and methodological contributions of the French School of Discourse Analysis, we aimed to discuss the processes of understanding and interpretation of the selected cartoons for analysis, based on the discursive materiality, the conditions of production and the constitution of the meaning effects in the author-text-reader relationship. Once they are intercrossed by a satirical and critical cultural discourse about the problem of social invisibility, they present a reading path based on certain linguistic and semiotic resources that are in the textual materiality, promoting reflection and questioning of reality, leading the subject-reader to expand his/her world references. This genre is likely to be used in class expecting to form critical readers.

Keywords: Cartoons. Social invisibility. Cultural discourse. Critical readers.

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor e líder do grupo de pesquisa Linguagem e Comunicação (UEPB). E-mail: adpesquisa@hotmail.com

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do grupo de pesquisa Linguagem e Comunicação (UEPB). E-mail: letrasrose2014@gmail.com

Introdução

Muito se tem falado e discutido a respeito do desenvolvimento de habilidades de leitura, de prática de leitura significativa e crítica, da formação do sujeito leitor. Esse discurso, presente no contexto acadêmico e escolar, também está materializado nos documentos oficiais que orientam a prática docente relacionada ao ensino e à aprendizagem da língua materna, ao processo de alfabetização e letramento escolar.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), documento que norteia a estruturação curricular, no que se refere às práticas de linguagem, apresenta, dentre as várias competências e habilidades a serem desenvolvidas em sala de aula, as de se reconhecer recursos linguísticos e discursivos que constituem os gêneros textuais a serem estudados, assim como sua organização interna, as marcas linguísticas que o constituem como tal e a sua composição temática. Desse modo, o trabalho com o texto em sala de aula remete tanto às questões relativas à sua tessitura textual quanto a sua discursividade.

Assim, a fim de se viabilizar o acesso do alunado ao universo dos textos que circulam socialmente, para que possam desenvolver a sua competência e habilidade comunicativa, ao longo de sua vida escolar, é preciso ensiná-lo a produzir e a interpretar textos, a se familiarizar com as características e peculiaridades dos gêneros textuais e sua função comunicativa, a sua discursividade, como forma de aprendizado das representações discursivas e simbólicas recorrentes nas práticas sociais.

Nesse processo formativo, é preciso relacionar as práticas de leitura a determinados gêneros textuais, para que haja o desenvolvimento das habilidades de uso da linguagem e do seu funcionamento necessário à formação do sujeito-leitor. Afinal, se para cada texto há um determinado modo de ler, é essa singularidade que traz para o sujeito-leitor as ferramentas necessárias para atribuir sentidos ao que lê, baseando-se nas pistas textuais (textualidade), assim como na relação do texto com o já-dito, interdiscurso, e as condições de produção.

Considerando-se o aspecto interativo do funcionamento da linguagem, é o espaço da discursividade estabelecido entre o autor e o leitor que vai configurar o processo de leitura (ORLANDI, 1983). Sendo assim, a mediação instaurada pelo texto faz com que autor e leitor possam se relacionar, instituindo nele um lugar de produção

de sentidos. Estes sentidos dependem da forma como o leitor “resgata” a historicidade discursiva que constitui o texto, como se relaciona com as condições da produção textual.

Como são esses modos de dizer e de ressignificar o já-dito que vão influenciar os gestos de interpretação do texto lido, iremos neste artigo tecer considerações sobre a constituição de sentido no gênero charge, defendendo a ideia de que as temáticas sociais materializadas nesse gênero favorecem o trabalho com a leitura crítica nas aulas de língua portuguesa, por meio da abordagem discursiva, favorecendo, assim, a formação do sujeito-leitor crítico.

As condições de produção e a constituição de sentido textual

A significância do ato de ler na perspectiva discursiva está intimamente relacionada às condições de produção e ao funcionamento discursivo do que é lido. Nesse sentido, é preciso se considerar a dimensão da textualidade em função das Formações Discursivas representadas na materialidade textual. Ou seja, a tessitura textual – incluindo-se aqui a tipologia, o estilo - traz as marcas discursivas, que remetem a determinado uso da língua. Conforme Antunes, é preciso:

atingir os elementos que condicionam esse linguístico, que o determinam e lhe conferem, de fato, propriedade e relevância. Ou seja, é preciso chegar ao âmbito das práticas sociais e, daí, ao nível das práticas discursivas, domínios em que, na verdade, são definidas as convenções do uso adequado e relevante da língua. Desde esses domínios, é que se pode perceber os modos de construção de textos concretos, aqueles historicamente reais e situados no tempo e no espaço. (ANTUNES, 2009, p.53)

Assim sendo, percebendo-se “os modos de construção de textos concretos” e sua relação com a historicidade, com o olhar do sujeito-autor e o contexto de produção do gênero textual, será possível estabelecer o entendimento do que é dito, como é dito, para quem e porque é dito. Isto ocorre porque há:

[...] reciprocidade entre linguagem e sociedade, ou a bidirecionalidade entre linguagem e situação social. Com a linguagem as pessoas atuam, intervêm na sociedade, e em contrapartida, as atuações em que elas empreendem na sociedade repercutem em sua linguagem (ANTUNES, 2009, p.56).

Essas atuações, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa (AD) são determinadas pelo contexto de produção discursiva através da Formação Discursiva dos sujeitos no momento da enunciação estabelecida, cuja materialização do dizer perpassa pela assunção da autoria, assumindo-se a responsabilidade pelo que diz – o que para a AD remete ao lugar onde se constrói a unidade, coerência e completude textual, reiterando, assim, a constituição imaginária do sujeito enquanto autor, pois “[...] o sujeito, diríamos, está para o discurso assim como o autor está para o texto. Se a relação do sujeito com o texto é a da dispersão, no entanto, a autoria implica em disciplina, organização, unidade” (ORLANDI, 1999, p.73).

Segundo Althusser (1992), o sujeito tido como livre se submete livremente às ordens do Sujeito, passando assim a assujeitar-se inconscientemente. Essa submissão “livre” faz com que os indivíduos sejam interpelados como sujeitos. Identificam-se ao Sujeito e reconhecendo-se mutuamente como sujeitos e Sujeito, por meio da linguagem.

A interpelação para a AD é o que faz com que o sujeito, marcado pela ilusão necessária de ser dono do dizer, passe a produzir texto e, sustente um discurso. Nesse momento, assume a sua função-autor, produtor do seu texto e responsável pelo discurso que emite:

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submete à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI, 2007, p. 50).

Portanto, a forma-sujeito é historicamente que se responsabiliza pelas práticas discursivas. Assim, o sujeito ao textualizar um discurso, segue determinados procedimentos de seleção e faz uma série de formulações para a constituição da tessitura textual, de forma controlada, materializando dizeres (já-ditos) e sentidos:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever. (ORLANDI, 2007, p. 47)

Estando o sentido intimamente relacionado com a história, tempo e lugar em que se encontram os sujeitos no processo de discursivização, é preciso perceber que tal

relação demarca as práticas de textualização dos gêneros discursivos, instituindo, assim, os campos do dizer, ou seja, cada esfera da comunicação social (Formação Discursiva) especifica o uso da linguagem, condicionando o sujeito às regras do modo de dizer, externas a ele.

Em se tratando do gênero charge, a sua formulação traz as marcas do tempo e do lugar do sujeito-autor, que faz uso da linguagem verbal e não-verbal para materializar discurso(s) a respeito de temas relacionados, principalmente, às questões políticas e às problemáticas sociais que estão presentes na nossa realidade atual. O funcionamento da linguagem na produção da charge se dá sob a forma de denúncia, crítica e sátira social – o que delimita aspectos da materialização do que é dito, a partir de um já-dito, retomado e ressignificado pelo sujeito-autor, conduzindo, assim, o olhar do sujeito-leitor para os possíveis sentidos presentes nas charges e aos que podem ser atribuídos a elas.

Enxergar o invisível através da análise das Charges

Para a análise proposta selecionamos charges sobre a temática da invisibilidade social. Esse assunto está em evidência, a nosso ver, para um futuro trabalho de leitura crítica. A seleção foi feita pela internet de forma aleatória e as que nos chamaram mais a atenção foram escolhidas.

O conceito de invisibilidade social, criado e estudado pela sociologia e outras áreas de interesse, a exemplo da Psicologia Social, está atrelado a um fenômeno social, que atinge aqueles que fazem parte dos agrupamentos marginalizados socialmente. Este fenômeno, além de demarcar as desigualdades sociais, perpetua práticas discursivas pautadas no preconceito e na indiferença, em relação à marginalização e à exclusão social a que muitos indivíduos estão “destinados” - o que é normalizado, legitimado nas práticas diárias das sociedades capitalistas.

Para Costa (2004, p.15), “a invisibilidade pública, desaparecimento de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: a humilhação e a reificação”. É uma forma de violência simbólica e material, pois diminui e esmorece o poder de aparição de alguém. Essa violência, praticada entre pares sociais, é decorrente de uma cegueira psicossocial automatizada, na qual o sentimento de comunidade inexistente ou é muito pequeno, fazendo com que o olhar de reconhecimento interpessoal

perca espaço para o olhar reificado e reificante (GONÇALVES FILHO, 2004). Ou seja, não há valorização do ser, das subjetividades, da vida ao entorno de si – o que há é a coisificação das relações humanas, em prol de interesses materiais e econômicos.

A invisibilidade pública deriva de um longo processo histórico, vinculado à visão pejorativa que se tem de indivíduos sem status social, assalariados, com nível baixo de consumo de bens materiais e trabalho alienante. Para Gonçalves Filho, essa prática ocorre desde a época da colonização, em que as classes mais pobres vêm sendo humilhadas há gerações:

[...] golpes de espoliação e de servidão pesados que caíram sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo-salariados: a violação da terra, a perda de bens, a ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçado, a dominação nos engenhos ou depois nas fazendas e nas fábricas. (GONÇALVES FILHO, 2004, p.22)

Por possuir o poder de cercear vidas, e com elas oportunidades, sonhos, desejos e expectativas, a invisibilidade pública reforça, assim, os antagonismos entre as classes sociais, mantendo-se ideologicamente por motivações sociais e psicossociais, cristalizando-se nas práticas discursivas tais motivações, legitimadas historicamente pelas relações de poder mantidas em nossa sociedade.

Desse modo, têm-se várias categorias sociais estigmatizadas pelo fenômeno da invisibilidade social, seja na perspectiva do consumo seja do reconhecimento: profissões de baixa remuneração e de caráter operacional (a exemplo de lixeiros, garis, faxineiras, porteiros, frentistas, operador de elevador, etc.), pertencer ao agrupamento dos catadores de materiais recicláveis, moradores de ruas, e minorias sociais (CELEGUIM, 2009).

Portanto, esse tema funciona como uma referência para o trabalho com a leitura crítica, na perspectiva discursiva, tendo em vista a forma como é apresentado o discurso da invisibilidade social, que, em nossa concepção, retrata várias categorias sociais estigmatizadas por esse fenômeno, em diferentes situações de vulnerabilidade social – o que remete a um dizer sociológico, antropológico, histórico, psicológico, econômico e político, considerando-se quem refrata e quem reflete essa realidade. Tais discursos, presentes nas charges, viabilizam uma série de leituras e possíveis debates, proporcionando reflexões a respeito das problemáticas sociais, análise de concepções de mundo, comparação de realidades, em um processo de constituição de sentidos das representações sociais materializadas no texto.

Perceber o movimento de constituição de sentido provocado pelo autor é se inteirar das nuances textuais e da sua condição de produção. É esmiuçar os enunciados; entender a sua discursividade. Aprender a ler a charge discursivamente, portanto, é aprender a pensar dialogicamente, a relacionar discursos, já-ditos, e historicizá-los; é atrelar valores sociais e visões de mundo na relação do texto verbal com o não-verbal, para a obtenção de determinados efeitos de sentido.

Com o intuito de analisar as charges selecionadas, buscamos inicialmente descrever aqui o modo como foram apresentadas: são quatro charges indicadas pela numeração natural na ordem crescente a saber: 1, 2, 3 e 4. Cada imagem tem seus respectivos textos que serão designados como enunciados que também seguirão uma ordem numérica crescente, porém não contínua. Nesse caso, essas marcações serão abreviadas para CH (charge) e E (enunciado).

No que diz respeito às figuras, a intenção não foi trazer uma análise semiótica delas, mas apenas de descrição não para suplantiar a análise do discurso e sim para convalidá-la na medida que imagens podem ser verbalizadas. Isso será feito quando necessário.

Charge 1



Fonte: <https://vanessadesouza.wordpress.com/2012/09/15/charge-do-dia-a-invisibilidade-das-pessoas-em-situacao-de-rua/>

E1CH1 – Espelho, espelho meu, existe alguém mais invisível do que eu!

Figura - Cidadão afrodescendente, jovem, de frente a um espelho grande, que parece ser de um banheiro público. Todo o desenho aponta para o índice de vulnerabilidade social. O fato mesmo do banheiro ser público diz respeito ao personagem-figura não ter um espelho grande para dizer seu. Além disso, o fato de ser jovem negro reflete no discursivo, pois a imagem é possível verbalizar e, ao ser verbalizável, veicula um discurso. Baseando-se nas condições de produção do discurso, observamos que o rapaz, por sua condição, está inter-relacionado com a classe minoritária. Dito isto, é fácil compreender a indiferença e, conseqüentemente, a invisibilidade. Algo pior, se a sociedade o identifica como da classe periférica e o típico criminoso. A charge mostra que personagem não tem a sua imagem refletida no espelho, o que poderia acionar nas condições de produção a figura do vampiro, o qual tem essa característica. Porém, ao atentarmos para o texto, indicamos tratar-se do discurso literário na história da Branca de Neve. Há uma madrasta que clama ao espelho pela mulher mais linda de sua terra. Nesse discurso literário há o efeito de sentido do contraste, de uma história do conto de fadas e a realidade. Esse sentido de contraste é ainda acentuado por outros aspectos, como o fato do espelho na história falar e o da realidade não. A madrasta é bonita, embora não seja a mais bela do reino, gerando autoconfiança. Ao colocar a mão no espelho, o jovem desvela sua baixa autoestima. O espelho desconfirma a pergunta da madrasta. Isso gera uma ação, enquanto que o espelho confirma a pergunta do rapaz, o que leva ao conformismo. Glamour x simplicidade.

Assim se explica o efeito de invisibilidade urbana que é o fator da condição social do personagem e desvalorização humana. Resta ainda aparar a aresta do discurso que pode irromper pelo viés da figura-crime da periferia.

Pode-se alegar que se o jovem fosse análogo ao delinquente, como dito acima, não se tornaria invisível, pelo temor das pessoas, sobretudo, aquelas que têm a perder com seus privilégios. De fato, isso poderia ocorrer em primeiro momento, todavia a sociedade tem seus próprios mecanismos, entre eles, a segregação, o isolamento, a prevenção, a ruptura ou evasão de outro modo. Esses mecanismos também geram a invisibilidade por exclusão. Se se pode evitar a pessoa, se não se frequenta ou passa pelos lugares que ela se encontra, portanto, ela se torna invisível da mesma maneira, é o escudo de invisibilidade.

O discurso trazido por esta charge revela um enunciador que busca provocar no leitor reflexão sobre o tema da invisibilidade social – algo muito presente no contexto social, representado pelo fenômeno da exclusão social, associado a uma série de fatores atrelados aos contextos histórico, cultural, político e econômico. O enunciado constituído pelo interdiscurso presente no conto de fadas da Branca de Neve e os sete anões, bastante conhecido, traz o já-dito ressignificado, criando um novo sentido: no lugar da palavra “bela”, encontra-se a palavra “invisível”.

Charge 2



Fonte: <https://blog.enem.com.br/a-persistencia-da-invisibilidade-social-no-brasil/>

E1CH2 – O que é isso que você está vestindo?

- É uma capa de invisibilidade.

E2CH2 - Mas eu tô te vendo!

- É porque você é meu amigo.

E3CH2 - Eu tenho uma capa extra se você quiser experimentar.

- Eu quero! UAU! Funciona mesmo!

Qual a imagem: dois garotos conversam e um deles está com uma manta/pano/resto de cobertor malcheiroso. Isso indica a condição do menino. Nas

figuras seguintes o que se destaca é a posição dos garotos, que estão encostados na parede, situação típica dos mendigos.

As condições de produção do discurso remetem para o dizer familiar. Historicamente as crianças se valem de brincadeiras e jogos nos quais está incluída a encenação fantasiosa. A fantasia expressa e pode representar os poderes mágicos ou superpoderes indicados pelo discurso literário interdiscursivamente. Há o dizer alhures do qual irrompe a condição de se tornar invisível. Tal condição é transferida pela utilização de um objeto, que é mágico no conto de fadas, ou confere poder/tecnologia nas sagas heroicas. Discurso ao qual o garoto do cobertor se filia.

No enunciado 2, percebemos que o segundo garoto sustenta um discurso de descrença para com o E1. O dizer cético do garoto suspende a possibilidade da brincadeira, do jogo, alerta para a situação e realidade. Em resposta, o primeiro guri justifica a sua afirmação de que a capa é para tornar invisível. Deriva a fala do colega como enganosa. “É porque você é meu amigo” se interpreta como se o primeiro garoto quer se deixar ver ou o segundo só o pode ver pela justificativa dada. Há ainda o efeito de sentido produzido pelo produtor da charge que faz a aproximação dos dois personagens. Eles são iguais, têm algo em comum e só por compartilharem pontos semelhantes permite se olharem.

Já no terceiro enunciado, o primeiro garoto convida o segundo a participar da brincadeira, destarte está presente o discurso familiar. A brincadeira pode se desenvolver com os dois, quando lançado o convite. Tal discurso se confirma na medida que o primeiro menino defende o seu cobertor/manta/pano como “capa”, e mais, configura a chance de provar que ela é eficaz ao solicitar que o amigo a experimente, o que prontamente ele aceita.

Em CH2E4, estamos diante do último quadrinho da charge. Nele os garotos são ignorados pelos transeuntes. No discurso do segundo menino há o apagamento do discurso cético, derivado em E2. Ele percebe que não está sendo notado na calçada pelas pessoas que ali passam.

Assim é perceptível a derivação de sentidos que aproxima a indiferença à invisibilidade, vislumbrada pelo primeiro personagem e transformada em brincadeira. Interessante sublinhar que o ceticismo do segundo guri não apenas é obliterado como brincadeira, mas ainda é confrontado como realidade, na medida que, mesmo não sendo faz-de-conta, os meninos, de fato, são ignorados, ou seja, invisíveis socialmente.

Charge 3



Fonte: <http://umbrasil.com/charges/charge-16-01-2019/>

E1CH3 - Somos super-heróis! Temos superpoderes!

- Quais?

- Invisibilidade!

Nessa terceira charge, há apenas um enunciado, como é característico desse gênero textual: imagens e texto para absorção rápida. As figuras expressam um diálogo de dois homens de etnias minoritárias, a saber, um negro e um índio. Esse reforço visual é importante para compreendermos os efeitos de sentido sustentados. As condições de produção do discurso nos revelam a situação histórica das raças supramencionadas. Não apenas pela história da colonização e escravização, mas da desvalorização e marginalização a que estão submetidos os negros e índios. Suas causas são ignoradas ou mesmo a oportunidade no sistema econômico, os quais desembocarão na distinção e, conseqüentemente, na imersão nos grupos minoritários. A exclusão social em questão é mais acentuada no sítio urbano.

A realidade exposta na charge apresenta o quadro descrito acima. Eles estão na condição de pedintes, conforme a imagem de uma caixa com dinheiro. Mas, se o dinheiro está na caixa, como projetar a indiferença denunciada na charge? Na verdade, a

caixa que consta o dinheiro indica apenas as condições econômicas dos dois indivíduos dos grupos minoritários. Eles são designados como pedintes. O dinheiro simboliza o *status quo* dos personagens, o fator miséria. Por outro lado, o autor do texto mobiliza outros efeitos de sentido. As condições de produção nos fazem reconhecer que a esmola é um escape da sociedade para se livrar dos problemas da exclusão. As desigualdades sociais são alertadas para o público. Todavia, boa parte entende que somente o paliativo econômico basta. Portanto, o discurso minoritário protesta não pela esmola ou contribuição, porém, pela indiferença social, pela inércia ou imobilidade diante das dificuldades e obliteração desses grupos.

Charge 4



Fonte: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2019/04/charge-do-duke-venezuelanos-e-brasileiros-pegando-comida-no-lixo.html>

E1CH4 - Que absurdo! As pessoas pegando comida do lixo lá na Venezuela!!! -
Chocada!!!

Observando a charge nº4, notamos a presença da ironia mobilizada como recurso humorístico. As figuras mostram um casal que se indigna com a situação passada por pessoas na Venezuela, enquanto pessoas sofrem o mesmo ali, na calçada de sua moradia, no Brasil.

Para começar, devemos acionar as condições de produção do discurso. A nível constitutivo a Venezuela assumira, há décadas, o viés político de talhe socialista. Esse viés tem sido retratado pela mídia brasileira como governo autoritário /ditatorial /populista. Nos últimos anos, notadamente no governo do presidente Nicolas Maduro, o país amazônico tem sofrido grave crise econômica. Como consequência, parte da população tem imigrado para outros países, procurando refúgio ou vivido pauperrimamente *in loco*.

Dadas essas condições, o discurso acionado é o midiático da charge, que, por sua vez, é atravessado interdiscursivamente por um discurso jornalístico anti-esquerda. A interpretação do discurso da charge é possível a partir do não-dito, quando é notória a insistência da televisão sobre os problemas da Venezuela e a omissão para os próprios problemas nacionais. O não-dito perpassa justamente que o casal adere ao discurso midiático, ignorando a realidade fora de casa. Ou seja, a realidade no Brasil é a mesma da Venezuela em termos de necessidades materiais para alguns, mas ignorada pelo casal, isolado em seu meio. O efeito irônico acontece pelo espanto oriundo do enunciado, pelo que estão vendo na TV. É conveniente ressaltar o trecho "...lá na Venezuela!!!", indicando a oposição entre o "aqui" e "lá" como se o problema fosse apenas no país vizinho.

O efeito de sentido decorrente do enunciado é apresentar a indiferença dos televidentes do modo de vida vicinal, enquanto assustados pelo modo de vida semelhante em outro país. Essa indiferença vai dar eco ao discurso sobre a invisibilidade social.

Considerações finais

Concluimos a análise dos enunciados das quatro charges procurando nelas pontos de entrecruzamento. O que se pode afirmar é que em ambas há o discurso cultural das desigualdades sociais. Nesse caso, notamos a denúncia dos sujeitos-autores sobre tal condição. Que condição especificamente está ilustrada acima? A da indiferença da sociedade sofrida pelos personagens dos quadrinhos, seja na reflexão solitária, na brincadeira, na percepção das minorias ou na não percepção nacional.

A indiferença se torna sinonímia de invisibilidade social, discutida no início do artigo como forma de exclusão do outro que o sujeito-chargista clama por atenção.

Por meio dos gestos de interpretação feitos das charges apresentadas, entendemos que a prática de leitura discursiva favorece o despertar da consciência para questões sociais tão importantes ao desenvolvimento da leitura crítica do contexto social. Afinal, a função maior da leitura, além da alfabetização, é tornar pessoas capazes de ler para aprender, entender, interpretar, associar, comparar, opinar, questionar, refletir, analisar, criar, recriar, argumentar, avaliar, identificar e identificar-se com o que lê – seja relacionado à palavra, ao mundo e suas representações, por meio de diferentes linguagens, símbolos, ícones, formatos, cores, tons, traços...

Buscando-se por esse processo formativo do leitor, em que as habilidades de leitura do verbal e do não-verbal se cruzam e se complementam, não bastará ao mediador ou mediadora desse processo se fixar apenas no texto em si e na sua estruturação – é preciso ir além da relação imagem e palavra: ou seja, é imprescindível que se adentre ao contexto de produção do texto, que envolve aproximações com o contexto histórico, cultural, viés do autor, motivações, linhas temáticas abordadas, relação de sentido entre o dito e o não-dito. Assim como é necessário se criar um contexto de leitura provocativo, para que os leitores possam interagir de forma mais ampla, diversificada, dialógica, aprendendo a “escavar” os vários sentidos que um texto pode trazer, as visões de mundo que veiculam, atentando-se aos lugares sociais que estão interligados e identificando os sujeitos sociais ali representados, além de se colocarem no lugar de sujeito social, leitor ativo, ou serem “levados” a ocupar esse lugar de significância nas práticas de leitura em sala de aula.

No caso das charges utilizadas, a presença do discurso cultural da invisibilidade social traz para o processo de constituição de sentidos posicionamentos críticos dos autores, em relação a essa problemática social, que é histórica. Assim, fazer uso em sala de aula de um dizer que aponta para tais posicionamentos é proporcionar ao alunado o conhecimento dos mecanismos discursivos utilizados pelo sujeito-autor, para poder interpretar de forma mais adequada o texto e, com esse exercício feito constantemente (inclusive utilizando-se de outros gêneros textuais), desenvolver a competência discursiva, fundamental para a formação de leitores críticos.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BLOG DA VANESSA FONTANA. **Charge do dia**: a invisibilidade das pessoas em situação de rua. Disponível em: <<https://vanessadesouza.wordpress.com/2012/09/15/charge-do-dia-a-invisibilidade-das-pessoas-em-situacao-de-rua>>. Acesso em: 18/12/2020

BLOG DO QG. **A persistência da invisibilidade social no Brasil**. Disponível em: <https://blog.enem.com.br/a-persistencia-da-invisibilidade-social-no-brasil>. Acesso em 18/12/2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

CELEGUIM, Cristiane R. J. *et al.* A invisibilidade social no âmbito do trabalho. **Revista Científica da Faculdade das Américas**. São Paulo. v. 3 n.1, p. 1, 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/18935497-A-invisibilidade-social-no-ambito-do-trabalho.html>>. Acesso em 15 dez. 2020.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: Relatos de uma Humilhação Social. São Paulo: Editora Globo, 2004.

GONÇALVES FILHO, J. M. A invisibilidade pública (prefácio). *In*: COSTA, F. B. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 5 ed. São Paulo: UNICAMP, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SUBURBANODIGITAL. **Charge do Duke**: venezuelanos (e brasileiros) pegando comida no lixo. Disponível em: <<https://suburbanodigital.blogspot.com/2019/04/charge-do-duke-venezuelanos-e-brasileiros-pegando-comida-no-lixo.html>>. Acesso em 18/12/2020.

UMBRASIL. **Charge -16-01-2019**. Disponível em: <<http://umbrasil.com/charges/charge-16-01-2019>>. Acesso em 18/12/2020.